

PROJETO: "HISTÓRIA DA UFJF"

Formulário de registro das informações sobre a entrevista

Instituição responsável pela custódia: Universidade Federal de Juiz de Fora.
Localização: Projeto "História da UFJF - SALA CIII 12
Código de Referência: 12
Entrevista Nº.: 12
Tipo de Arquivamento: (Áudio, Vídeo e impresso)
Fundo/Coleção: Entrevistas Projeto "História da UFJF"

Detalhamento dos objetivos e natureza da Entrevista

História de Vida: ()
História Oral Temática: (X)
Tradição Oral: ()
Linha de pesquisa: Memória da UFJF
Projeto de pesquisa: "História da UFJF"
Responsável (s) pelo projeto de pesquisa: Marcos Olender (coordenador Geral)
Camila Gonçalves S. Figueiredo (Coordenadora Executiva)
Objetivos da coleta do depoimento: A coleta do depoimento tem por objetivo a constituição de acervo de depoimentos orais de indivíduos que possuem experiências na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, ao longo da sua história.

Dados Pessoais do Entrevistado

Nome: Anderson Pires
Data de Nascimento: Não foi informado
Cidade: Juiz de Fora Estado: MG Nacionalidade: Brasileira
Sexo: (X) M () F
Estado Civil: Solteiro
Demais informações/dados para contato: Rua Martha Waltemberg, nº195/402, Granbery, Juiz de Fora.
Telefone: e-mail:

Atuação profissional

Formação: Pós-Doutorado Cargo/função: Professora/Pesquisadora
Trajetória profissional: Foi professor de diversos colégios, atuou como professor do Estado no município de Três Rios, depois entrou para a Universidade Federal de Juiz de Fora no ano de 1981.

Dados do Conteúdo da Entrevista

Sumário da Entrevista:

[00:10 - 08:35]
Trajetória de Vida: infância, juventude, formação profissional, cidade de Juiz de Fora.

[08:35 – 21:40]

Filiação partidária; participação no movimento estudantil; Movimentos políticos em JF; Atividades anteriores a acadêmicas; Greves.

[21:40 – 38:33]

Política e economia nacional; Organização estudantil; Formação de professores; alterações na grade do curso de História;

[38:33 – 46:58]

Reuni; metodologias de trabalho, aulas e avaliações; recursos e ferramentas didáticas; trajetória profissional na UFJF;

[46:58 – 53:03]

Dificuldades financeiras e estruturais da UFJF; relação da UFJF e a cidade de Juiz de Fora; Influência da UFJF na realização de sonhos individuais e coletivos.

[57:16 – 01:14:46]

Atividades culturais; relação da Universidade com a comunidade; relação com os Núcleos de Pesquisa;

[01:14:46 - 01:28:00] Papel da ciência na sociedade; papel do professor na sociedade e vislumbre da UFJF daqui a 50 anos.

Palavras-Chave: Professor, pesquisador, historiador.

Resumo: *(informações gerais do conteúdo da entrevista)*

A entrevista trata da trajetória do professor Anderson Pires enquanto aluno, professor na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Dados Técnicos Entrevista

Data da realização da entrevista: 08/07/2013

Local (completo): Bloco C, 2º andar – Instituto de Ciências humanas – UFJF.

Duração: 1 hora e 28 minutos

Nº de fitas e/ou tempo de gravação: 6 áudio

Números de identificação das fitas e/ou do arquivo em áudio: 12

Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Eduardo Barbosa

Entrevistador: Eduardo Barbosa

Cinegrafista: *(quando houver)*:

Auxiliar (s) Técnico: *não houve*

Responsável pela transcrição: Eliene da Silva Nogueira

Data da transcrição: Início: 06/01/2014

Conclusão: 17/03/2014

Responsável pela conferência da transcrição:

Data da conferência da transcrição:

Responsável pela edição de texto *(se houver)*: X

Especificações da edição de texto *(se realizada)*:

Data de assinatura do termo de autorização: 08/07/2013

(quando a autorização não ocorreu no ato da entrevista também especificar a data)

Data da liberação: dd/mm/aaaa

(somente quando o entrevistado solicitou o sigilo por um prazo determinado ou até a sua morte)

Qtde. de páginas transcritas: 29

Endereço para acesso eletrônico do arquivo em áudio:

Endereço para acesso eletrônico da transcrição:

Observações relevantes: Durante a entrevista houve barulho de buzina de carro. Há problemas com a gravação do vídeo.

Inserir Declaração de Cessão de Direitos autorais (versão digitalizada)

Transcrição da Entrevista

[00:10 – 00:30] Eduardo: Então assim a gente podia começar a entrevista né, primeiro apresentar o Projeto de História da UFJF né do qual a gente faz parte e agente elaborou os roteiros e faz essas entrevistas principalmente com os professores agora nesse momento, mas também tem esse caráter de extensão do projeto, de trabalhar com a comunidade, os técnicos administrativos...

[00:30 – 00:31] Anderson: O que é muito bom!

[00:31 – 00:41] Eduardo: E aí começando a produzir um pouco a entrevista queria que você falasse um pouco do período da sua infância, de como você conheceu Juiz de Fora, de onde você veio?

[00:41 – 04:21] Anderson: Não na verdade eu sou, eu já sou de Juiz de Fora. Eu sou nascido e criado no bairro Fábrica, na Rua Bernardo Mascarenhas que na minha época era crivada de campinhos de futebol. Eu passei toda minha infância, uma grande infância né! Bom Juiz de Fora é... Juiz de Fora muito menor do que essa e, mas na periferia né da cidade fiz tudo que tinha que fazer na infância, roubei manga, jogava bola todo dia de baixo de chuva, levava surra por causa disso etc. E desde o início eu tenho uma relação muito forte emocionalmente com a cidade, porque a rua que eu cresci ela cheia de indústrias, a rua Bernardo Mascarenhas né, uma rua histórica pra cidade é praticamente uma linha reta e eu fiquei lá uma boa parte da minha vida, eu vim sair nos 13 últimos anos eu tive condição de sair lá de onde eu morava do bairro mesmo e vir e ir a mudar pro Granbery é e toda minha vida assim até mestrado o meu início da minha vida profissional foi marcado por esse bairro, um apartamento que o meu pai meu deu lá, que eu tinha lá e aí eu ia andando pra rodoviária, pegava ônibus pra Três Rios que trabalhava e passeava muito pelas ruas depois de estudar 5, 6 horas estudando a noite inteira, a tarde inteira 5, 6 horas eu saía andando pela rua pra passear. Então eu tenho uma relação muito, muito forte com o bairro de onde eu de onde tenho minhas origens e hoje praticamente acabou, é chega deprime mesmo assim.

Eduardo: Acabaram né, qual região ali do bairro, do bairro Fábrica?

Anderson: A região norte, a região norte

Eduardo: (Trecho Inaudível) próximo do CTU, do antigo CTU?

Anderson: Sim, na verdade é é na verdade é no início da rua Bernardes, é é perto de um clube.

Eduardo: Vasquim?

Anderson: Exatamente. Na verdade é no prédio colado no Vasquim, aquele prédio é da minha família, ta na justiça agora por questão de herança.

Eduardo: É foi bem conhecido em Juiz de Fora o clube do Vasquim por várias essas coisas.

Anderson: É exatamente é é.

Eduardo: Hoje eu passo por ali eu vejo (trecho inaudível)

Anderson: Têm ainda baile por ali?

Eduardo: Então eu acho...

Anderson: porque agora já deve está bem baixaria né?

Eduardo: Lógico (risos).

Anderson: eu aceitava uns belizenhos daqueles wi fi, wi fi não, hi fi.

Eduardo: hi fi.

Anderson: É e às vezes ia lá tinha muito ping pong, e tinha uma quadra atrás também, uma parte, futebol era todo dia meu amigo.

Eduardo: Ali atrás tinha o campo?

Anderson: Tinha um campinho e depois virou uma quadra mesmo né, mas a rua ela tinha 3 campinhos e ela tem muito exercito né, são 3 ou 4 unidades no comércio, tem o décimo, tem o hospital, tem... tem ali no Mariano a parte que é do comando né se não me engano do comando né, e todas essas quadras a gente utilizava. A gente pedia para os militares, é eles não sabiam o que eu ia me tornar no futuro né (risos) aí todos eles concediam né. A gente jogava bola a tarde inteira era uma maravilha, tinha uma infância maravilhosa, muito boa quase cidade de interior entende?

Eduardo: E foi no período de 80, 70, 70, 80?

Anderson: É na verdade eu to com 49 anos, você pode colocar aí desde... eu entrei na universidade em 81. Então eu acho que boa parte da década de 70, foi por aí 80 eu já estava saindo, depois adolescente eu já mudei, comecei a mudar muito a cabeça né.

[04:22 – 08:35] Eduardo: E essa mudança na sua cabeça que fez você escolher história?

Anderson: Sim, porque eu estudava na verdade química, eu era autodidata em química é.

Eduardo: Você tinha...

Anderson: E tinha muito laboratório em casa, leva leva muito a sério, dava dava calor em muito professor.

Eduardo: É?

Anderson: É, modéstia parte né e todo mundo achava que eu ia ficar pro ramo científico assim, porque eu tinha um irmão que estudava medicina e ele gostava muito dessa parte de ciências naturais, ele ele empalhava bichos, montava esqueletos e me influenciou muito esse meu irmão que hoje é um médico, que na verdade me ensinou a estudar, me ensinou a ter gosto pelo estudo, entendeu? E aí com ele comecei a engatar mais essa parte intelectual, gostava muito de química, particularmente química orgânica, farmácia mesmo, nível de pesquisa, gostava mesmo! Comecei a fazer o meu segundo grau na verdade com dois anos em técnico em químico industrial, mas no Pío XII eu vi que o curso era muito fraco.

Eduardo: aonde que é?

Anderson: Pío XII técnico em químico industrial, fiz os dois anos do extinto segundo grau lá, como o terceiro ano eu vi que era muito fraco e eu não ia talvez não conseguisse passar no vestibular, aí eu parei e fiz o vestibular, mas aí eu já estava querendo fazer filosofia né, porque já tinha largado eu pouco as ciências exatas, assim, enfim a parte da química e já estava com 15, 16 anos, já estava completamente dominado pela filosofia, pelo gosto da filosofia em especial pelo lado da transformação social mesmo, o país estava vivendo um momento muito delicado naquele momento, estava se implantando a anistia né, eu cheguei a pegar o pessoal vindo vários, Caetano, eu lembro voltando, Gil, essa turma toda no aeroporto o pessoal filmando assim sabe. Eu lembro nos teles jornais que eu lia o pessoal mostrando a preto e branco ainda, peguei televisão preto e branco, não era pra eu ficar falando dessas coisas não né (risos). Não tinha nem televisão a cores ainda né, ai me engajei me engajei muito na luta política né. E tem um acontecimento muito muito curioso porque quando eu fiz cursinho e era aluno, sempre fui um aluno muito dedicado é... o Ignácio foi meu professor no cursinho e conversando comigo, eu e uma amiga minha na época de cursinho a gente namorou, teve um namorico e tal, é...falou pra gente, ele que falou pra gente – oh faz história não, não faz filosofia não, pelo que vocês tem na cabeça vocês tem que fazer história, o curso de vocês é história. Ele não estava nem dando aula aqui. Quando entrei, ele já tinha passado no vestibular a minha turma foi a primeira turma da geração do Ignácio, da Bia, da Maraliz, todos eles pegaram a minha turma como a primeira turma deles na universidade, entendeu?

Eduardo: tão jovens né?

Anderson: todos recém-egressos na universidade, a Bia deu aula pra mim de História antiga, Maraliz deu aula pra mim de Pré próto História, depois que eu fui dar, ela fui ter aula de história da Arte com ela, entendeu? E aí eu tive uma formação muito boa aqui

dentro, acho que a geração deles aqui dentro, essa primeira geração, ela foi essencial na minha formação, principalmente como marxista e em especial talvez o Ignácio, todos eram é, na época todos eram os comunistas né, mas o Ignácio ele sempre teve o é... ele sempre me influenciou muito, sempre tive nele um um uma aquela assim, uma questão especial, sempre me me orientou muito mais do que ele pensa eu acho, (barulho de maquina) e eu faço sempre questão de reconhecer isso, porque ele realmente foi muito importante pra mim.

[08:35 – 12:21] Eduardo: O Ignácio ele é filiado a partidos né?

Anderson: Sim, o Ignácio na época era vinculado a partidos eu não lembro direito partido de esquerda que era formalmente, mas ele era ligado a movimentos, pode falar isso agora né era (inaudível) estratégica, não sei até que ponto eu to agredido ele, não sei né se for algum problema, mas é ligada ao movimento chamado estratégico que era o movimento trotskista e do qual o meu irmão participava como estudante.

Eduardo: O médico?

Anderson: O médico, exatamente. Ele já trazia jornais pra casa, já havia nesse movimento de militância. Ele apesar de medicina ser um curso muito pesada, chegou a militar durante muito tempo e eu herdei muito.

Eduardo: Ele estudou aqui na Universidade?

Anderson: Hein?

Eduardo: Ele estudou aqui na Universidade?

Anderson: Ele formou, estudou e formou aqui.

Eduardo: Isso. E você se filiou no partido nesse momento assim antes mesmo de entrar na Universidade?

Anderson: É é antes dele?

Eduardo: Antes de entrar na Universidade?

Anderson: Não, eu fui me filiar a partido, eu na verdade fui à algumas reuniões do PT, pra formar o PT aqui em Juiz de Fora.

Eduardo: (trecho inaudível)

Anderson: Isso pela ida meu amigo que que é vida, que que é o tempo né pela ida de 79 que foi quando o partido começou a criar as bases aqui, mas logo no início começou aqueles rachas internos, aí eu fui e abandonei aí fui porque ainda era considerado partido de clandestinidade, que na verdade já não era tanto isso, mas era um partido talvez que fizesse questão de manter a posição na clandestinidade com receio de algum é de algum retorno político, ditatorial, pra preservar militante e nesse sentido eu fiz

parte de dois, eu fiz parte de um movimento trotskista chamado liberdade e luta, vulgarmente conhecida como libiru né, e fiz parte de um imagina um racha do PCDB, que era um partido que na época era o professor Jacob Gorend que é um autor é já pelo lado menos político mais pelo lado intelectual que eu quero recuperar no curso, tem um livro chamado Escravismo Colonial, que discute muito a questão da natureza, da economia escravista é pra ele uma economia específica aqui no Brasil e... ele foi, ele tava organizando sempre foi um militante e ele é um daqueles marxistas que aprendeu o alemão pra ler O capital. Então ele teve o partido dele que era chamado PCBR, que era Partido Comunista Brasileiro Revolucionário né, era comunista e revolucionário (tom de riso) ainda tinha PCBR, mas se não me engano de vida curta, muito curta. Saía antes de acabar, um amigo meu ficou um grande amigo meu ficou, eu saí meio porque eu percebi que minha militância na verdade era em sala de aula né, de início com os próprios alunos, depois quando entrei. Eu entrei em 91 pra Universidade, quando entrei e aí percebi uma importância maior ainda na formação dos professores é uma coisa que eu tenho até hoje comigo, faço questão de mostrar a todos, pode ser qualquer intenção que tenha em fazer o curso de História, qualquer é pretensão que tenha no futuro eu não tenho nada contra, mas no fundo no fundo vão se formar como professores de História, isso eu acho uma coisa essencial que o curso tem abandonado, abandonou na verdade, no meu ponto de vista abandonou a que muitos vários pontos de atrito que eu tenho com o departamento.

[12:22–16:56] Eduardo: Pensando em Juiz de Fora no período da sua juventude, que você estava começando a se filiar a partidos essa questão política, como é que você via a cidade nesse momento, assim, ela participava dessa movimentação?

Anderson: Não, assim, é a a a tal consciência do povo a tal consciência sempre sempre pros militantes, não é até que ponto vocês militam, até que ponto vocês se vinculam ela sempre decepcionante pro militante né, a gente está sempre querendo que o povo saiba, a gente é muito presunçoso e subestima o povo e tal. Então a gente sempre queria que é que a população tivesse um pouco mais, que a população tivesse mais é receptividade com relação aos nossos movimentos, nos sentimos não entendidos nas nossas propostas básicas né e coisas desse tipo. Mas aí nesse momento a gente cai sempre o máximo no movimento estudantil mesmo aí a militância ela ia normalmente, a invasão de reitoria, a invasão de RU, aí nisso tudo tava, nisso tudo eu tava né.

Eduardo: Na ocupação dos espaços públicos.

Anderson: Briga com a polícia pra tirar a bandeira do Brasil do maço da reitoria e colocar a da UNE, entendeu? E tinha um amigo meu da economia chamado Hugo, a gente chama ele de Hugo maluco (trecho inaudível) na época né você imagina o que era um cara maluco né, ele subiu lá num mastro, no mastro central tirou a bandeira do Brasil colocou a da Une quando ele desceu ele foi preso, mas aí juntou uns estudantes em cima dos guardas, na época meu amigo os guardinha não tinham muita estratégia de pra combater e as vezes quando eles caíam na nossa mão, meu amigo eu apanhei muito, mas assim bati um pouco, mas os que eu bati eles não tão esquecendo até hoje, posso garantir a vocês, entendeu? (risos)

Eduardo: (risos).

Anderson: E até hoje eu tenho isso com a polícia, assim, eu simplesmente não suporto farda impressionante, quando falo assim as vezes a pessoa já não existe não tem nada haver mais né, mas quando falam eu já fico meio sabe? Não gosto.

Eduardo: Teve um episódio que a gente teve em outras entrevistas o movimento não sei se na época era por questão de meio passe, eu sei que soltaram os cachorros pra cima do pessoal.

Anderson: Sim

Eduardo: Você fez parte disso?

Anderson: Não nessa época eu já tava mais, eu não sei quando foi eu me lembro, mas assim acho que eu não estava na rua nesse momento. Mas eu peguei assim movimento de greve e ocupação da reitoria, eu me lembro muito particular em que o pessoal da passeata foi descer a rua Halfeud que já era o calçadão meu amigo eu nunca vi tanta polícia na minha vida, porque o calçadão a parte central do calçadão, ele tava com policial, assim, com a rede de policiais um ao lado do outro, dos dois lados da rua, por toda extensão da rua, fechando principalmente as galerias pra evitar que a gente fugisse.

Eduardo: (trecho inaudível)

Anderson: Exatamente. Então eles estavam a fim de fechar a rua e partir pra cima da gente, mas nós tínhamos líderes muito, muito experientes. Então me lembro de um em particular que chegou a cantar num grupo musical depois, ele chamava o apelido dele era Guigui ele fez ciências sociais eu não sei, chegou se não me engano a ser presidente do DCE, Guigui fazia ciências sociais figura ele depois que chegou a cantar uma música, não sei se vocês vão lembrar uma música da barata uma coisa meio assim, chegou a fazer sucesso um pouco como cantor e ele e os mais velhos do movimento começaram a ensinar pra nós a fazer comícios relâmpagos. Então a gente saía com

banquinhos escondidos ia pra outras ruas, subia no banquinho e pá pá pá pá pá e quando vinha a polícia a gente pegava o banquinho e pá, quem faz hoje o pessoal que vende coisa na rua quando vem a polícia os caras agarram o negocio sai correndo né, a gente fazia isso só que levava o banquinho aonde tinha as pessoas pra poder driblar a rigidez e a estupidez da forma que a polícia combatia a gente né, que a gente sempre fazia questão de gozar da cara deles também né, fugia e ria deles fazia questão, chamava eles pra participar que a gente tava fazendo no fundo um movimento a favor deles, esse tipo de coisa toda só não éramos muito compreendidos né (risos).

[16:57–19:20] Eduardo: É verdade. E como você chegou a lecionar antes de entrar na universidade?

Anderson: Ah por muito tempo, eu comecei a lecionar na verdade ali carteira assinada desde 85, na verdade comecei lecionando tava no meu terceiro período de História, aí dois momentos importantíssimos aconteceram no que seria o suporte de carreira na minha carreira, que foi o fato de eu ter aderido eu ter visto naquele momento, porque tive uma professora muito boa a professora a é Melo Reis é que era professora de história econômica que me despertou muito o interesse por história econômica né. Eu era muito marxista, tinha uma formação toda fundamentada no marxismo, meu marxismo sempre obviamente puxou um pouco pela economia e eu descobri minha vocação pela história econômica a qual não larguei até hoje to desde o terceiro período, eu sempre lidei com as outras disciplinas meio pra formar e tal aquela coisa, pra formar dignamente porque não deixava de estudar, mas a minha dedicação específica inicial desde o terceiro período foi a história econômica, mas eu passei no concurso se não me engano ainda na década de 80 e em 91 eu tava lecionando em Três Rios e aí eu fui chamado pra universidade, mas eu peguei o que você pode imaginar. Eu peguei em termos de classe social, eu peguei periferia até colégio de alta sociedade e isso você pode incluir o que era o primeiro e segundo graus da época né, então o ensino básico e o médio.

Eduardo: Fundamental?

Anderson: É o fundamental e médio hoje, o que era de quinta até oitava, da primeira série e de quinta e de primeiro ao terceiro científico noturno, isso em todas as classes sociais e em todos os até até supletivo lecionei durante anos, anos e anos. Então, por isso que assim muitas vezes aluno cansado em sala de aula eu me atinjo muito, porque eu sempre lidei com gente com dificuldade e com gente tentando estudar pra poder

ganhar a vida entendeu? E eu sempre via isso com um olha, imagina né? E sempre procurava estimular e sempre fazia o meu papel né como professor.

[19:23 -21:39] Eduardo: E quando você entrou aqui como professor na Universidade você se lembra de alguma primeira greve, um primeiro movimento de mobilização grande assim?

Anderson: Não, não me lembro assim especificamente, acho que teve greve todos os anos (risos) é muita greve pra lembrar, mas entrei entrei muito animado assim, entrei entrei fazendo um belo trabalho assim não digo nem por mim, digo pelos alunos, porque dava um curso chamado história econômica III que era um curso famoso, porque na verdade quem dava no início era o Ignácio e quando eu entrei a disciplina passou pra mim formalmente e era um disciplina sobre economia da republica velha, mas eu ensinava economia como um todo, e era um curso muito bom.

Eduardo: O curso de III tinha o I e o II aqui na História?

Anderson: Tinha o I e o II

Eduardo: Pra História, na grade da história?

Anderson: Só história econômica tinha o I, o II e o III. O I quem costumava dar era um professor chamado Rômulo Andrade hoje aposentado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, se não me engano se não me engano Seropédica né aposentado e a professora Sônia Miranda que então era parte do departamento que dava a história econômica I que é mais ou menos essa que estou dando pra vocês, mas dava com uma competência bem superior que eu dava mesmo porque ela dominava a parte inicial da história econômica muito mais que eu. Ele costumava a dar a II pegava a parte da escravidão que é a parte que ele é especializado e eu pegava a III que era a parte já da república e depois o Ignácio principalmente a própria Claudia, o Ignácio a Valéria pegavam a parte da economia porque sempre forma muito articulados bem ou mal com a parte econômica né pela própria natureza deles é da formação deles, eles continuavam a parte da república né, mas era um curso que eu cheguei a próprio a fazer uma dedicação aos meus alunos no meu livro, porque foi um curso que colocava, porque colocava todas as questões que eu enfrentei no meu doutorado né e que foi instinto, instinto sim sobre os meus protestos mais venetes né, mais venetes.

[21:40 – 26:01]Eduardo: E o Brasil nesse momento vivia questão da redemocratização né e tudo mais, e você com seus alunos, eles participaram desses movimentos você se lembrou de...

Anderson: É cê havia cê havia me perguntado sobre alguma greve, que eu me lembro nós tivemos a campanha das diretas já em 82 né, então assim, eu entrei em 81 quando eu entrei para a universidade em 82 já teve o movimento das diretas já. E que foi assim talvez assim, eu sei agora como está essa questão das mobilizações das ruas né, viajei no final de semana não acompanhei, mas pelo que eu vi assim, perto disso só o da redemocratização em 82 e depois a campanha do fora Collor que já foi uma coisa que a mídia já interferiu pouco já era uma coisa dos caras pintadas, aí já não era mais propriamente um estudante, entendeu? Já não era propriamente um estudante. Mas o primeiro movimento baco do país assim foi a redemocratização, que aí a gente foi pra rua (barulho de soco na mão) e querendo eleição direta, querendo eleição direta e conseguimos só a eleição no congresso né (barulho de buzinas de carros).

Eduardo: Tinha o colegiado né?

Anderson: Exatamente. E aí foi eleito o Tancredo aí tivemos aquela sorte do Tancredo vir a falecer, aí sobe o Sarney né meu amigo (risos) é.

Eduardo: Mas é pensando assim também essa questão dos organismos estudantis do CA de história, por exemplo, na época que você começou a lecionar aqui...

Anderson: Boa pergunta.

Eduardo: existia mobilização?

Anderson: nossa mobilização dos alunos na época era muito superior a atual né muito superior. Nós éramos tão revolucionários assim entre aspas dentro do ideal da juventude, nós tivemos os CAs nós tivemos talvez mais de uma gestão anarquista no CA. Teve uma que foi liderado pelo Henrique Lacerda né lá do arquivo da prefeitura.

Eduardo: Ah o Henrique a gente entrevistou ele (trecho inaudível).

Anderson: É a gente brinca, ele me chama de cropótico né que é um grande anarquista e tal, não ele me chama de andropófi que era um presidente da Rússia na época pra rir da minha cara e chamar de stalinista, entendeu? Ele me chama de disso até hoje, andropófi, andropófi.

Eduardo: Vocês estudaram juntos?

Anderson: fez parte da minha turma, fez parte da minha turma é e muito gozado o Henrique, sempre muito largado pra algumas coisas, a turma sobrando vaga ele fez vestibular, tomou pau na na, porque a gente fez só primeira fase. Como tinha vaga sobrando a gente não precisou fazer segunda na época, porque não tinha concorrência e o Henrique vai e me toma pau, na prova de redação meu amigo ele tomou pau, então ele entrou (risos), entrou um semestre depois eu acho, mas a gente adotou, acabou adotando

o Henrique como um membro da turma e fizemos um grupo muito, muito bom! Formados por uns dois ou três alunos, é eu um grande amigo meu na época o Adson, tem o nome parecido com o meu, o Adson hoje ele leciona lá no CesC né que a gente gritou muito junto, era foi o meu melhor amigo na época da faculdade né e... mas o CA de história era o mais barulhento de toda Universidade era o que liderava tudo, era o que os do Ich de uma forma geral, aí juntava o pessoal bravo da História, o pessoal bravo das Ciências Sociais, da Filosofia, o Ich era...

Eduardo: Efervescente?

Anderson: Era nossa senhora, era o que liderava tudo e assim e tinham faculdades nitidamente tradicionais na época, direito, economia né, odonto, desse pessoal aí a gente que fazia tudo né, a gente que fazia tudo o Ich era o ninho dos corniças mesmo e era, na verdade era. Que na época éramos todos marxistas, não tenha duvida né.

[26:01- 29:44] Eduardo: É nesse período a gente faz parte do CA e a gente tá querendo organizar o acervo né de documento, lá tem alguns jornais algumas coisas desse período também, e tem uma eu peguei esses dias um jornal lá que o nome é Bota pra fuder.

Anderson: Talvez tenha sido um desses anarquistas

Eduardo: É eu acho que é, e aí ele fala uma coisa interessante que eu queria que depois você falasse também que tem haver com essa questão que você disse que formava professores, você sempre pensou em ser professor e tem uma reportagem a matéria é puxada né algo, como é que chama o editorial lá...

Anderson: ah sim.

Eduardo: então era assim né, o vírus pesquisoide invadi, criado em laboratório e no sei o que.

Anderson: Pra você vê...

Eduardo: (trecho inaudível)

Anderson: que os problemas atuais já haviam sendo na época...

Eduardo: já estavam (trecho inaudível)

Anderson: já haviam se insinuando digamos assim na época, porque hoje eu acho que esse é dos maiores problemas que enfrentamos dentro do curso, saber o limite da pesquisa e saber até onde a pesquisa atinge, tange o ensino.

Eduardo: Uhum.

Anderson: porque pra mim, no meu ponto de vista não há como fazer pesquisas em ciências sociais, em ciências humanas de uma forma geral se não for em função do ensino, pra mim não entra na minha cabeça, claro que tem extensão, mas a extensão não

deixa de ser ensino porque você tá formando basicamente a forma de trabalhar, de alguma maneira ela vai ser didática. Pode até não ser necessariamente sala de aula, mas talvez seja orientação de professores né, é algum trabalho já direto com o aluno, mas que precisa da sala de aula que seja um trabalho não sei...

Eduardo: com a comunidade (trecho inaudível)

Anderson: ...de pesquisa com a comunidade uma história de um bairro, etc. entendeu? Mas a minha preocupação sempre foi a formação dos alunos, a importância que eles tinham na cidadania do país. Porque pra mim o efeito é difusor viria ou vem da educação e tem que ter ali uma pessoa lúcida e esse papel acho que cabe aos professores, se não de história, porque hoje nós temos aí como matéria obrigatória, como matérias obrigatórias talvez aí não cumpridas etc., a filosofia e a sociologia, mas as ciências humanas ela tem essa função e que precisamos hoje no Brasil, vejam bem nós já conquistamos a cidadania né, com todo esse tumulto e a grande custas digamos, assim, envolveu gerações inteiras inclusive a minha. Então tá na hora da gente consolidar a cidadania e a democracia, então eu acho que a gente precisa mais do que nunca de profissionais com essa consciência. Então a questão da formação do profissional é em sala de aula, ela é completamente inseparável da questão da pesquisa porque as duas linhas trás a ideia de cidadania. Se você colocar um professor dentro de sala de aula que já tem experiência de pesquisa vai ser ou aula, claro! Entendeu? Ao mesmo tempo que você pegar um pesquisador que já tenha experiência de sala de aula, ele provavelmente vai escrever de uma forma melhor do que escreveria se não tivesse um contato com sala de aula.

Eduardo: É verdade.

Anderson: Entendeu? Isso pra mim me parece questões óbvias.

Eduardo: Porque o conhecimento ele é transmitido dessa maneira né? (risos)

Anderson: E nós somos o instrumento essencial e o de, e o departamento ele tem perdido isso de vista.

[29:45 – 38:33] Eduardo: aí nesse nesse ponto assim eu queria que você me disse-se, você falou desses tópico de história econômica que existiam né, quando eu entrevistei o Henrique, o Henrique falou que existia proto história.

Anderson: É.

Eduardo: ligações com a filosofia, eu queria que você me disse-se quando isso foi se rompendo?

Anderson: Olha, assim na verdade é bom falar pra você do nosso currículo anterior, porque eu acho que vocês tem uma geração hoje um sorte de ter uma geração obviamente com um escopo é natureza digamos assim de professores muito bons, mas todos eles se formaram com e o gozado que o argumento que eles utilizaram foi o argumento da interdisciplinaridade, mas com perdão do termo foram extremamente presunçosos, porque alteraram isso respondendo a sua pergunta especificamente foi num certa alteração do currículo que aconteceu em torno de 2004, 2005, quando ela foi formalizada eu estava de licença, terminando o meu mestrado, o meu doutorado, terminei meu doutorado se não me engano em 2004 e quando eu voltei já estava tudo feito. Então nós tínhamos, por exemplo, uma coisa que na época briguei até o final tanto quanto pela história econômica, nós tínhamos quatro histórias da filosofia, quatro meu amigo. E filosofia é essencial pra qualquer cientista social, nós tínhamos quatro com um professor que era brilhante que foi o professor Simões, que eu acho na minha opinião foi um dos melhores professores que eu tive aqui, hoje já aposentado, e etc., velhinho, de vez em quando encontro com ele e tal, mas lúcido. E não era marxista que fique claro, mas era hegeliano e o e em alguns sentidos hegelianos são melhores do que marxistas né, e ele era hegeliano de primeira, ele tinha ido pra Alemanha e etc. E sabia muito filosofia, muito, então assim quando houve essa reorganização do currículo é que eles resolveram presunçosamente eu repito é retirar as disciplinas específicas como disciplinas obrigatórias, porque essa questão dos tópicos o aluno escolhe o tópico que vai fazer, pra mim não é o caso pra mim tem que ser obrigatório pra todo mundo né. Esquece que colocaram essas questões no tópico e a formação básica teoricamente eles dariam, nisso nas reuniões já estavam dando pulos desse tamanho, porque eu falei com eles que a interdisciplinaridade não se faz com uma pessoa, porque obviamente uma pessoa não vai dominar todos os campos das ciências humanas. E eles insistiam em dizer que eles tinham capacidade de dá tudo no período que eles iam pegar e fecharam entre eles o tronco central obrigatório que antiga, medieval, moderna I e II, e tal né na presunção de que dariam economia. Eu cantei a pedra vocês não vão dá o que vocês vão fazer? Vocês vão criar um mestrado vão dá o que vocês acham que é necessário pra procurar atrair o aluno pra vocês orientar dentro do tema de vocês e a formação do lado dos alunos vai ser absolutamente prejudicada enquanto a formação de profissionais de ensino, porque nós temos o habito aqui inclusive entre os alunos é um péssimo habito de achar que ensino fica por responsabilidade da faculdade de educação, não lá é só forma, lá é só a didática, o conteúdo tem que ser discutido aqui, porque o conteúdo

quem vai dá somos nós. Nós é que temos que saber Revolução Industrial né, grandes descobrimentos, enfim seja lá o que tem que ser ensinado no ensino básico, no ensino médio, seja onde for. Mas foi especificamente nessa ultima mudança de currículo que acho que o curso caiu, mas caiu, mas caiu de qualidade assim é que apesar de não ser formal pelas notas, pelas avaliações, que tem sido feita, mas eu nunca peguei uma prova, assim, pra vê direito o que que é, né eu fico imaginando que ela também já tá muito pós moderna assim, digamos assim, é mas eu me entristeço muito, por exemplo, quando quando eu sei que eu conheço mais uma matéria do que o aluno, não porque eu estudei mais a matéria, mas porque tive um curso melhor do que o aluno. As vezes aluno de sétimo período eu sei mais filosofia do que ele meramente porque o curso tinha uma organização melhor do que o curso que tem hoje, que não favorecia tanto a ambição, porque foi isso que foi feito, daí a minha revolta. Não foi feito em função de qualidade de ensino, foi feito para que cada um e isso eu falei e briguei com eles, falei na cara deles e falo quantas vezes for necessário, modificaram não em nome da qualidade do curso, modificaram para que cada um construísse a própria carreira. Eu não suporto isso, eu rompi com o departamento é disse com todas as letras que não, não havia mais qualquer correspondência que eu pensava completamente diferente deles que a minha formação ética, sem querer ser superior em nada, mas é completamente diferente da deles. Eu nunca faria o que eles fizeram com relação às outras disciplinas né e esfreguei na cara deles que eles estavam fazendo isso pra construir currículo e prejudicando os alunos. E depois a situação lamentavelmente foi é... ela ela eu acho que acabei tendo razão pela evolução dos fatos, porque logo depois foi aprovado a questão que eu também acho absurda de ter quatro aulas seguidas no noturno, com todos esses objetivos que eu tenho mente que to falando pra vocês, eles tem aprovado assim facilmente, no fundo, no fundo pra irem pra cidade grande e virem aqui uma vez por semana e morar em outro lugar meu amigo, isso não ta correto né. Então pra não brigar, pra não ficar criando situações ruins e um clima já todo ruim, eu fui muito prejudicado no meio disso é eu simplesmente abandonei um pouco a convivências com eles porque acabei vendo coisas assim que já não tem como sentar junto né. Em especial você pegar um doutorado que tem é uma bibliografia na minha área com dois livros, num num é uma linha de pesquisa é uma área de pesquisa específica, sendo que um dos livros é de duas professora do próprio departamento meu amigo. Isso é de um desrespeito com um amigo um companheiro de profissão que eu, por exemplo, já mais faria, eu não faria isso nunca com ninguém, entendeu? E esse pessoal nem se tocam não tá, nem ficam

coradas não. E isso (inaudível) vocês não acham que é privilégio de mais por seu livro não? Eles vão com a cara de pau, com a cara mais de pau possível e falam que não. Você pega professores dentro de sala das reuniões que eu vinha vindo é essa discussão da história de África, ai tentaram agarrar, agarrar ai abriram pra história de África, quando abriram pra história da África vem uma professora e pede que o curso seja voltado pra história da escravidão por quê? Porque ela mexe com escravidão, a mentalidade, você tem que intervir e falar ó minha amiga não dá pra pensar num curso como um todo, não dá pra pensar na formação dos alunos? Não dá pra pensar que a universidade vai além do seu tema de pesquisa? Mas nisso eu sou vozes (inaudível) eu não tenho...

[38:33 – 42:16]Eduardo: O que nesse momento que a grade curricular foi reformulada estava acontecendo e negocio do Reuni também.

Anderson: também, vem tudo...

Eduardo: nesse pacote?

Anderson: É vem tudo nesse pacote eles.

Eduardo: O aumento do número de vagas?

Anderson: É, mas eles foram muito oportunistas.

Eduardo: E junto com isso essa questão muito forte dos órgãos de pesquisa.

Anderson: Também.

Eduardo: Que é o vírus pesquisoide que a gente chegou a falar (risos).

Anderson: Exatamente, exatamente, veja bem.

Eduardo: E isso reforça exatamente essa tendência.

Anderson: Exatamente, nada contra a pesquisa.

Eduardo: É sim, mas que torna só ela (inaudível).

Anderson: Exatamente, a consequência disso tudo o que, que é?

Eduardo: O que você produziu né, o cara precisa ter alguém, arrebanhar pessoas para que as pessoas trabalhem...

Anderson: Exatamente.

Eduardo: e impede o potencial criativo de cada um que chega, pode, por exemplo, eu quero descobrir eu quero estudar aquilo, não você vai estudar aquilo porque você vai entrar no mestrado.

Anderson: E você, e você e eles chegam a ser censuradores.

Eduardo: (risos) é.

Anderson: Porque eles chegam a fazer cesuras, entendeu? Porque chegam a comentar em sala – ó se for sobre tema tal não passa, não adianta que não passa, fala isso em sala de aula meu amigo, isso é ou não é censura?

Eduardo: Sim.

Anderson: Então se você não escreve dentro do que ele, esse é que é o problema. Problema eu não tenho nada contra a história cultural, eu tenho quem que faz história cultural, mas pra fazer história cultural impede quem tem potencial de fazer: vou colocar o meu caso né história econômica e impede que a pessoa trabalhe, cê entendeu? Faça o seu trabalho, mas deixe os outros trabalhar. Porque que um aluno tem que necessariamente fazer a prova geral do mestrado em cima basicamente, igual já ouvi falar, lá tem mas antropólogo do que historiador, agora talvez tenha mudado a bibliografia, entendeu? Mas muito tempo tinha muito mais antropólogo do que historiador. Então o menino que eventualmente só por não gostar daquele tema, não sei pode vir a gostar de economia né ou de história econômica e ou qualquer outro tema que não seja que eles consideram importante na época né. Ai não passa porque eles acham que não é pertinente, porque o que é pertinente pra eles é o que eles vem determinando de cima pra baixo. Quer dizer todo esse movimento favorável à universidade, principalmente em termos de pesquisa, a em termos sociais nós acabamos perdendo por causa desse tipo de postura.

Eduardo: porque isso foi meio que né tirar...

Anderson: Exatamente, nós formamos na verdade o que eu chamo de alto clero provinciano de gente que nunca tinha indo pro exterior e começa a ir por exterior e se sente superior aos outros por conta disso, começa a se achar melhor do que os outros, seu trabalho melhor do que os outros e acaba prejudicando o trabalho alheio. Eu só me sub é é não me submeto a esse tipo de decisão, que pode ser uma decisão democrática, mas eu lembro a vocês que ali dentro tem duas irmãs e tem quatro casais, isso se você colocar os amigos, você vai num assembleia de nazista meu amigo e fala que nego é inferior, é votado democraticamente que eles são inferiores não é verdade? O fato de ser democrático, nós sabemos disso muito bem, não quer dizer que o resultado da democracia resulte na melhor opção política, nós tivemos vários presidentes mal escolhidos aí democraticamente, não é verdade?

[42:17 – 46:58]Eduardo: Agora voltando uma pouco a questão da metodologia assim do ensino, você começou a lecionar e tal quando você entrou na Universidade ao longo desse tempo você acredita que você mudou um pouco a sua dinâmica de aula? Favor

talvez da ampliação do alunos ou a diminuição, ou antes quando você dava entendeu?
Como é que é...

Anderson: Eu acho que é, bom a questão da avaliação das aulas, assim, o que eu procuro manter, assim, alguém tem que ser responsável pela manutenção de algum tipo de conhecimento aqui dentro que é considerado ultrapassado e alguém tem q pagar o preço por isso né. Eu não entrei na universidade pra ser um um pra fazer uma carreira brilhante do jeito que é concebida e ter um currículo Lattes, pesquisador do CNPQ e vai todo final de semana não sei pra Espanha, pra Grécia seja por raio que os partas né a minha carreira ela é construída pra mim dentro de sala de aula, pelo que eu faço dentro de sala de aula, porque o que eu gosto de fazer é dentro de sala de aula né, e sempre nesse sentido da formação e conscientização do aluno, e mas eu amo fazer pesquisa também e apesar de todas as diversidades né, coisas do tipo, eu tenho um grupo de pesquisa, mudou o prédio, a Carla pediu pra todo mundo sala, todo mundo ganhou, eu não ganhei e tinha sala sobrando no prédio. Eu não ganhei, o meu grupo não ganhou, eu vim conseguir agora. Então é meio aquela coisa que eu falo em sala de aula, é meio lutar contra a maré sem pódio de chegada nem beijo de namorada, mas ninguém aqui faz uma pesquisa, por exemplo, política senão tiver uma contextualização social e econômica da evolução da cidade e isso quem ta fazendo somos nós, por que se a gente não fizer eles só vão fazer os trabalhos de moda, esse é o problema da construção científica. A gente não constrói ciência porque na Europa está se falando disso ou daquilo, a gente constrói ciência a partir da evolução e do desvendamento e da compreensão da nossa realidade social. Então, assim, estudar café indústria a já estudaram muito, estudaram. Estudaram pra São Paulo, pra aqui não, ninguém sabe quase nada daqui, porque aqui sempre foi muito subestimado, tanto que eu falo coisas em sala de aula, os alunos assim nem nem tinha ideia disso.

Eduardo: Resultado completamente novo, e cobrado né.

Anderson: Exatamente. E eu acho que a minha obrigação é então um pouco essa, eu sou daqui, eu gosto da cidade, a cidade foi importante, ela tem uma história pra ser contada. Então eu apesar de ser café indústria um tema que não está como um tema de moda, eu sei que isso prejudica enormemente, porque a universidade brasileira lamentavelmente isso vem lá da CAPES ta essa forma de organização, ela privilegia esse tipo de cultura em, mesmo em detrimento de sala de aula ela privilegia esse tipo de cultura, mas eu resolvi assumir a obrigação pra mim, no que tange a parte que eu me dedico que é parta da história econômica da cidade em particular a parte financeira, porque é

extremamente rica, muito mais rica do que as pessoas pensam. Então aos pouco eu venho pelo que um um aqui, outro ali, eu nunca vou ter tantos orientandos quanto eles, nunca vou fazer sucesso como eles, eu nunca vou chegar perto do da carreira deles, mas eu eu não quero essa carreira né. O o Darci Ribeiro, ele ele tem uma frase que, mas eu até coloquei no meu face que fala que que ele queria um um, derrotado em tudo na vida, que ele tentou ampliar a universidade brasileira e não conseguiu, ele tentou democratizar a universidade brasileira e não conseguiu, ele tentou é tonar a universidade brasileira efetivamente pública e não conseguiu, mas que no fundo ele não se sente um derrotado, porque ele não queria está no lugar daqueles que os venceu. E é exatamente a minha posição eu olho pra eles assim, e olho assim por meu amigo, eu nunca queria está nessa posição e pensando desse jeito né, nunca, jamais, prefiro mil vezes a opção que eu fiz né.

[46:58 – 53:03]Eduardo: agora pensando no aspecto, assim, mais da universidade né tipo quando você entrou e analisando um pouco do hoje também, a questão da infraestrutura, da organização depar departamental é se você acha que ouve melhorias, avanços, retrocessos?

Anderson: Não, não, pra mim no fu com tudo isso acontecendo no no no curso de história eu acho, assim, a a as modificações a a abertura o que foi modificado foi feito com as melhores intenções, mas alguns resquícios já na universidade anterior, elas acabaram por deturpar em grande parte todo potencial de impacto social que as mudanças que o governo federal queria realizar dentro da universidade, o exemplo mais óbvio disso é essa coisa de 4 aulas num dia só né. Ninguém vai colocar na minha cabeça, que isso é uma coisa que socialmente é avançado, pior a atitude é inconsequente, porque nós temos um grupo de pesquisa social aqui dentro e eu posso ta falando porque ignoro, mas pelo o que eu imagino não foi feito uma pesquisa, não foi feito uma pesquisa é do impacto é é dessa dessa decisão sobre o nível de evasão que existe no ICH.

Eduardo: Uhum.

Anderson: Antes e depois da medida, porque se houvesse esse parâmetro, bastava fazer uma pesquisa agora, que já tenho o q cinco, quatro, cinco, seis anos que tem isso implantado pra gente comparar, porque eu tenho certeza que tem mais gente saindo, assim, no curso e são exatamente aqueles que o governo queria manter, que são os que trabalham e que não necessariamente precisam fazer o mestrado. Se tiver o talento, faça, por que não? A universidade serve pra isso também né, mas ta prejudicando é

exatamente esse tipo de gente, porque ou você diminui drasticamente o nível do curso, ou você mantém o nível de curso elevado e essa gente acaba não acompanhando porque eles não têm condições de estudar meu amigo. Eles trabalham durante oito horas todos os dias e ficam olhando pra minha cara né, falando de cambio em republica velha durante quatro horas meu amigo, quem aguenta isso, depois de oito horas de trabalho meu amigo? Quanto, diga...

Eduardo: E de certa forma você não pode transmitir o conhecimento de modo ideal...

Anderson: Bom, vocês são mais testemunhas do que eu. Chega uma hora com intervalo ou sem intervalo chega...

Eduardo: Chega no máximo três aulas.

Anderson: Exatamente. Eu nunca mais consegui cumprir meu programa depois que foi mudado.

Eduardo: Mas, assim, talvez não seria intenção deles fazer algo pior, para que fosse mais fácil as pessoas passarem?

Anderson: Eu não vou responder, pra mim é clara a resposta, deixar vocês a questão, eu deixo pra vocês a questão. Pra mim foi sim, pra mim foi sim, quanto a infraestrutura física vocês também são capazes de avaliar a perda que nós tivemos, que não foi pequena meu amigo, foi muito grande. Por que esse prédio aqui nossa senhora, ele tem ele conseguiu uma proeza, ele conseguiu um consenso todo mundo odeia.

Eduardo: A única questão que eu vejo as pessoas falando que é melhor aqui no prédio, porque tem mais salas e tal...

Anderson: Sim.

Eduardo: eu fico pensando na própria acústica, não acústica das salas porque tem uma que são abertas, assim, vazadas...

Anderson: Não, eles estão querendo o que, que além de tudo as salas fossem piores do que a do anterior é isso? Eles consideram isso uma vantagem? Quer dizer o que, então é ótimo que as salas sejam maiores, eles queriam salas menores é isso?

Eduardo: Verdade é que não pensaram a arquitetura no lugar, mas colocaram data shows em uma (risos) eu tenho sérias criticas também a esse prédio eu acho um pouco absurdo.

Anderson: É eu acho que assim, e eu faço questão de dizer isso, porque já já fui perseguido politicamente por causa disso de uma forma covarde, porque quem ta poder e percebe oponentes pra mim antes de qualquer coisa é covarde né. Porque nós tivemos duas administrações é seguida, que se marcaram por ser as piores que o ICH é teve meu

amigo, desde que eu estou aqui foram as piores. Porque foram nelas que que aconteceram todas essas mudanças ruins que nós estamos avaliando aqui. E o departamento de história sempre foi conivente com as modificações, porque pra não bater de frente e não perder as regalias que a proximidade do poder poderia lhes dar, bem ao contrario de mim, entendeu? Então se essa situação ta assim o departamento sempre foi conivente, sempre foi. Pelo menos nas reuniões que eu ia, eu não sou muito frequente em reuniões, porque eu já passei da fase de discutir já, a questão é de mentalidade, uma forma de vê a universidade. Então pra mim eu já to procurando construir o meu caminho da minha forma e conseguido meu sucesso dentro do possível.

Eduardo: (trecho inaudível)

Anderson: Oi?

Eduardo: Você tem amigos que sobram né?

Anderson: É exatamente, aqueles que né a rapa do tacho digamos assim.

[53:03 – 57:16] Eduardo: Pensando assim nesse período todo nessa análise, qual que assim é o melhor momento da universidade pra você, que você considera também de forma coletiva?

Anderson: Eu acho que é a minha época de estudante é inesquecível pelo pelo, porque eu cheguei aqui um garoto e sai e me formei assim um bom profissional é um profissional na altura das melhores universidades do país, todas as pós graduações que eu fiz eu fui aprovado sem nenhuma dificuldade pela minha formação que foi a mesma formação deles e que eles destruíram né. Então assim é o meu período de estudante particularmente precioso no meu coração, mesmo também por causa da convivência dos amigos, os amigos de universidades né quando vocês formarem vocês vão vê a gente não forma amigos nem como forma de infância na vida mais né e na universidade é a mesma coisa, você nunca mais faz amigo igual você faz na universidade podem ir aprendendo isso, chega a doer assim, entendeu? Chega a doer, mas eu acho assim que os meus cinco, dez, primeiro anos aqui eu tive um retorno profissional, e a gente lamentavelmente não tinha uma pós-graduação, mas eu tive um retorno profissional que eu me sentia muito muito bem, muito bem, porque eu vi aluno aprendendo economia, eu vi aluno em todo esse meu discurso eu vi aluna que não sabia nada de economia, a gente terminava o curso, a gente discutindo conjuntura econômica contemporânea comigo e as vezes com mais informação do que eu, entendeu? Então, assim, eu eu consegui fazer com que vários ou ainda consiga né, outro dia teve um que falou pra mim ah agora lendo a parte de economia dos jornais e tal, a economia cê veja eles abrem mão da

economia do jeito que é como se a economia hoje fosse um aspecto irrelevante do mundo social, eles vedam isso à vocês, porque eles ignoram a história econômica esse que é o problema, tudo é baseado no preconceito, eles pensam uma história econômica que na verdade não é a história econômica que é realizada. De baixo da fuça, bom, debaixo do nariz deles, porque não é essa economia a economia, nós aqui dentro história econômica e economia política. Que é uma visão crítica da economia, do conhecimento econômico ao mesmo tempo e da realidade social e econômica também, entendeu? Então tanto teoricamente quanto na prática o curso ele é crítico, eu sempre vou na teoria econômica e mostro os limites da teoria econômica e falo (trecho inaudível) a frase que eu costumo dizer é que a economia é um assunto sério demais pra ficar na mão de economista, ela precisa de um cientista social pra olhar a economia né, e nisso eu sou o marxista da espinha dorsal, porque ele sempre alertou pra isso. A economia é uma ciência histórica, social, etc, etc, etc. E eles curiosamente com a com a questão subjetividade, com a questão indivíduo, talvez da micro-história etc., eles estão se aproximando do lado mais conservador da economia, porque a economia dos economistas mais reacionários, tradicionalmente mais reacionários, militaristas, né. E metodologicamente também através de uma coisa que é chamado de individualismo metodológico que forma a base do conhecimento microeconômico e que sustenta a economia como ciência, porque eles supõem ser uma ciência exata e que agora estão percebendo que não é bem assim.

[57:16 – 01:01:29] Eduardo: mudando o assunto Anderson, é eu esqueci de te perguntar aqui, mas na té como é que você, quais são suas lembranças das atividades culturais da universidade, a gente vê muito né igual aqui (trecho inaudível) culturais...

Anderson: Tinha muita coisa, existia muita coisa é isso Ich (trecho inaudível), cheguei a ser poeta escrevi algumas coisas.

Eduardo: é sério?

Anderson: é...

Eduardo: A gente pensou que...

Anderson: Tudo muito ruim ainda bem que não sobrou nada, você não pegou nada meu não?

Eduardo: Não

Anderson: Ainda bem!

Eduardo: (trecho inaudível)

Anderson: Como é que é?

Eduardo: Tem um verso seu que a gente achou no arquivo do DCE lá.

Anderson: É, enfim, não leva muito a sério não tá (risos). Mas assim, nós tínhamos muito, muito mais do que... isso que eu cheguei a pegar, quando eu peguei quando estudante já estava diminuindo bem pro exemplo, mas eu lembro por exemplo que a gente tinha tarde culturais assim. Então o pessoal que tocava violão, tinha aluno de música né, isso sempre com a influência da MPB muito forte né porque os grandes críticos ele tinha acabado de voltar, estavam voltando etc. Então eu lembro que no Ich toda semana tinha um movimento musical, por exemplo, tinha um grupinho tocando, tinha um sonzinho rolando, entendeu? Muita amostra de poesia, muita discussão sobre poesia, os estudando eles eram muito menos fechados em se próprio, porque eu acho que agora vocês entram aqui quando abrem e assim que percebem, o professor manda fazer: ó cuida da sua carreira acadêmica e fecha o olho pra tudo, pra você fazer o mestrado, depois o doutorado, pra você ter uma chance acadêmica e aí o resto meu amigo (barulho de tapas na mão), no que eles consideram ser significativo né.

Eduardo: então de certa forma isso diminuiu muito...

Anderson: muito!

Eduardo: o potencial criativo, cultural da universidade?

Anderson: Nossa você não tem ideia, você não tem ideia, acho assim, até que na época do Ignácio da Bia era muito maior do que na minha, na minha já havia diminuído um pouco, mas eu peguei muita coisa.

Eduardo: Sim.

Anderson: Peguei até teatro cara...

Eduardo: Olha aí que beleza.

Anderson: entendeu? Peguei até teatro montagem de teatro lá e tal, é isso eu peguei, to falando isso que nunca mais eu vi, entendeu? Agora música se não fosse toda semana era todo mês, assim, sempre um pessoal que toca violão assim não importava se era boa música, importava era reunir todo mundo e não podia beber né, e, mas o pessoal nem juntava pra bagunça não, a gente juntava pra reunir, depois a gente sai pros bares da cidade ou aqui no São Pedro, os bares famosos que tinham que a gente frequentava no centro da cidade de lá a gente discutia como ia fazer a revolução, entendeu? Como como atuar, as discussões eram sempre muito boas, entendeu? Assim, a participação política dos estudantes faziam com que eles tivessem uma preocupação com a leitura muito mais ampla do que hoje, muito menos específica, muito menos formal do que hoje, entendeu? Acho que até o próprio marxismo levava um pouco a isso, porque não

era só importante você saber política, era importante você saber filosofia, era importante você saber economia, você podia se especializar numa das áreas, mas você tinha que ter a base né em relação ao currículo antigo por exemplo, nós tínhamos quatro histórias do pensamento político. Só isso você pensa, quatro histórias econômicas, quatro histórias do pensamento político e três de histórias econômicas, compara com o currículo atual em termos de formação. Só essas, o quê? Doze disciplinas talvez, já alterara-se completamente a formação de vocês. Eu me ressinto muito pela história da filosofia, muito! Porque ela é muito importante, filosofia é uma coisa muito importante é uma coisa que eu to quase assumindo aqui dentro (risos), dando um tópico de história econômica em primeira unidade a história da filosofia. Introdução da história da filosofia pra dá uma base assim sabe, o que, que os antigos falaram os medievais, aí vem o pessoal, Hegel, os idealistas alemães, entendeu? Até chegar um pouco da contemporaneidade, mas aí eu já domino pouco né.

[01:01:29 - 01:07:34] Eduardo: E assim, uma outra questão que eu também queria falar com você da relação da universidade, dos alunos e a comunidade, assim, se você pudesse fazer uma comparação também tipo de quando você entrou se houve muita participação?

Anderson: Nisso, não é, isso, isso sempre foi um problema da universidade é historicamente falando é essa articulação um pouco mais próxima com a comunidade né. É talvez nesse aspecto tenha havido uma melhoria né, porque os projetos, a a maior quantidade de verbas e alguns projetos efetivamente se preocuparam com isso, inclusive alguns que eu participei modestamente, podia ter participado mais, até queria e tal, mas enfim participei dentro do que me permitiram que era projeto pra escrever para professores que estão ensinando na rede pública, pra pode incluir um pouco a história da cidade no ensinamento lá na formação dos aluninhos, do pessoal aí do ensino básico do ensino médio, que é que seria uma coisa que fosse regular seria muito bom pra todos nós.

Eduardo: E é uma cobrança hoje no currículo, o currículo cobra esta formação da história regional.

Anderson: não, pois é eu tenho assumido a história regional...

Eduardo: (trecho inaudível) a gente se forma, o conhecimento...

Anderson: é acho muito difícil hoje em dia você fazer carreira acadêmica efetiva fazendo história regional, ainda mais de uma área secundária como a zona da mata mineira, que eu escolhi por opção e por como eu estudei aqui meu amigo e me formei

na Universidade Federal de Juiz de Fora o que eu sou eu devo aqui. Então a minha obrigação como intelectual é pesquisar a cidade, já que isso, isso, se isso não dá currículo, não dá carreira, alguém tem que pagar por isso, eu vou fazer isso, eu faço com todo prazer. Eu me sinto um devedor da cidade, eu eu gosto da cidade, entendeu? Assim, e acho que exista aí uma questão regional, política e regional que ainda não foi devidamente equacionada, entendeu? E nós somos a em que pese todas, mas isso também já não é tão diferente do departamento, o departamento também tem ajudado muito. Nós estamos praticamente criando uma historiografia nossa, o que quer dizer que nós estamos construindo uma explicação pra nossa evolução histórica como região, a partir de dados nosso, e formulações teóricas próprias.

Eduardo: Muito importante isso.

Anderson: Muito importante isso significa que nós chegamos ao apogeu do que diz respeito a pesquisa, pelo menos em relação a nossa região, que se alguém falar alguma coisa vai ter que dialogar com historiografia que já existe. E uma historiografia que se marca por ser diferente, porque todo mundo olhou a região pro fora né, nós não. Nós acabamos aqui dentro, com o programa de pós-graduação, que nesse aspecto é excelente, eles sempre voltam os alunos a pesquisa, pesquisou o caso como é possível etc. né e tem havido um grande desenvolvimento do conhecimento da cidade, o que tem que fazer é inovar tudo isso, todo mundo saber que tá fazendo no fundo, tenha o objetivo comum. Eu acho que já adquiriram, num sei o que eles estão querendo mais, se eles estão querendo o Nobel, alguém tem que avisar que não tem Nobel de história pra eles né. Não sei aonde eles estão querendo chegar, em que nível chega a ambição, mas acho que todo mundo lá já chegou aonde queria chegar né, então tá na hora um pouco de abaixar um pouco a ambição. Olhar um pouco pro curso, ou melhor olhar um pouco para os alunos e fornecer um curso, porque, melhor porque nós temos o potencial de fazer isso, nós temos grandes professores aqui dentro. É só deixar cada um fazer o que gosta e o que quer fazer, e não chegar na pós-graduação limitar o conhecimento como se existisse hierarquia do conhecimento, como se conhecimento que hoje é mais comentado é mais importante, só porque é mais comentado, ou cair na ignorância um historiador achar que um tema como a formação do capitalismo numa região que é a nossa, porque aí é inescapável você estudar café e indústria, não tem como né. Que temas como estes, este simplesmente não se perde, a gente não esgota, conhecimento histórico é inesgotável. Vocês acham que os ingleses pararam de estudar a Revolução Industrial? Acham? Tem livro desse ano aí sobre a revolução industrial, questionando

ou reinterpretando de várias formas possíveis. Conhecimento histórico não se esgota, muito menos é feito em cima de modismo. E eles sempre vão trocando pra cima de modismos é por isso que eu acho que o retorno vai ser sempre muito difícil, porque não há abertura pro dialogo ao contrario eles fecham cada vez mais. Agora, parece que houve uma uma alteração na na bibliografia da pós e tão colocando um pouco mais de a parte institucional no que o Ignácio tem feito muito me parece, pelo que eu tenho visto nos emails. E essa parte institucional é muito ampla, então efetivamente permiti um dialogo bem maior com com as temáticas de outras áreas etc. e fica bem melhor do que em relação do que tava, por se tinha era que saber história cultural. Ainda tem o problema do curso no mestrado né, porque quem entra fazendo história econômica não tem matéria pra fazer meu amigo, tem muito pouca opção, tudo se volta pra eles.

[01:07:34 - 01:14:46] Eduardo: Agora eu queria saber um pouco da sua relação hoje com o núcleo de pesquisa, assim, CNPQ da vida e FAPEMG você tem alguma relação?

Anderson: É eu eu no meio disso tudo eu acho assim, a minha eu falei isso pra eles na época, isso ia me me prejudicar muito. E eu acho que eu fui muito prejudicado porque eu né, os alunos assim, já chegam as vezes, agora não porque eu to dando aula no início do curso e vocês sabem porque que eu precisei de fazer pra da aula no inicio do curso né, mas pegava aluno no quinto, quarto quinto período que já olhava pra minha cara falando que não gostava de história econômica, que história econômica era superado. Aí eu perguntava o que que você sabe de história econômica? Nada. Porque eles simplesmente não tiveram contato com a disciplina e a mudança um pouco foi feita por causa disso. Porque essa disciplina que eu dava no primeiro período da economia, eu dava no sexto da história. Aí quando acabava a disciplina, os alunos olharam pra mim e falaram: o Anderson porque pra mim economia histórica, história econômica não era isso né. Porque que você não dá esse curso no início, é não dá essa matéria no início do curso. Aí eu falava: porque o departamento não deixa, aí precisei de ter um CA favorável, porque nós tivemos alguns problemas com os CAs anteriores aí na minha opinião gravíssimos, tanto com relação, quanto principalmente ao departamento, porque em todas essas mudanças aí os CAs, o CA de história ele teve muitas vezes um comportamento contrário aos interesses dos estudantes, porque tinha vários membros deles que se fizesse alguma coisa contrário, o orientador ia retaliar. Eu não acho que isso, pra mim moralmente é inconcebível sentar com essa gente pra conversar, porque eu vou querer conversar é isso e se eu for sentar pra conversar isso vai dá problema. Vocês se imagina né, não acho isso eticamente isso correto. Então eu procuro me isolar

um pouco e fazer o que eu posso num é. Então minha relação, assim, ela pequena né, mas eu acabei é eu tenho um grupo de pesquisa com alguns outros pesquisadores com a mesa intenção do que eu. É de outras universidades que eu venho procurado trazer pras bancas aqui e esse ano eu acabei por motivos um pouco pessoais, assim, é acabei não fazendo nenhum projeto importante. Mas ano passado mesmo tive um é importante da da FAPEMGUI que foi encerrado ano passado e que vai permitir que pelo menos uns três alunos que tã fazendo grupo de estudo comigo porque eu tenho que ensinar economia pra eles, porque ninguém ensina né . Então tem que pegar o aluno, preparar, dá a base na economia quase no meio do curso pra ele poder te ruma ideia do que ele está falando e que vai permitir pelo reco recolhimento de dados que a gente fez com fotografias, com maquinas que a gente ganhou, computador, etc. vai permitir que uns dois ou três pelo menos façam o mestrado já pra essa seleção desse ano, talvez pra seleção do ao que vem, entendeu?

Eduardo: entendi.

Anderson: então, mas eu to querendo aprofundar muito isso, porque eu não quero ficar abatido pelo que aconteceu, ao contrário, porque eu eu me abati muito. Mesmo porque eu eu tenho um histórico é é um histórico é patológico que que quando bateu assim, eu fiquei destruído durante uns cinco anos. Eu nunca imaginei que eu receberia isso dos meus amigos, porque na época do núcleo de história regional quando todos começamos a pesquisa nos reunimos no núcleo de história regional, todos nós éramos amigos muito próximos, muitos próximos. Eu tive situações na discussão do currículo que eu cheguei a perguntar a eles o que que eu tinha feito a eles, pra eles estarem me tratando daquele jeito. Simplesmente retirando minha área de trabalho, assumindo com o deles sabendo que não iam fazer que iam fazer o papel do livro, porque em interdisciplinaridade no faz com uma pessoa, óbvio. Eu pro eu eu eu posso saber um pouquinho de história econômica, eu posso saber um pouquinho de história da filosofia, mas eu nunca vou ser eu me especializei em história econômica, como é que eu vou saber de história da filosofia meu amigo? Quem é bom em história da filosofia é que sabe, então não sou que tem que fazer, dizer que sei um pouquinho, não sou eu que tenho que fazer. Eu tenho que dialogar com o cara da história da filosofia e eles não. Eles são tão presunçosos que eles acham que sabem tudo meu amigo, que vão dar tudo em quatro meses pra vocês dentro de sala de aula. Eu me recusei, eu tinha direito de pegar uma matéria obrigatória. A moderna que a Carla ta dando, eu dei a matéria pra ela e sai do curso, por quê? Porque eu sabia que eu não tinha formação pra pegar uma história

moderna e dá uma história moderna com todo esse conteúdo. Porque eu simplesmente não domino e eu sou incapaz de chegar em uma sala de aula com uma postura dessa. Ou então eu ter que chegar pros alunos e falar ó – eu não domino o conjunto da história moderna, aí que eu fiz eu não peguei e fiquei com a minha história econômica específica que fornecida só fora do curso de história, que era que o curso de geografia tinha, de história que não tinha, que a economia tinha e geografia tinha, aí fiquei nesses cursos (barulho de tosse) e sai do curso de história praticamente, dando só tópicos, poucos me conheceram. Aí chegou uma hora que eu resolvi rodar a baiana e com o apoio de vocês eu consegui, que eu não sei até que ponto vai permanecer, aliás, pra acabar de um semestre por outro não custa. Eu prefiro, eu vou continuar com essa matéria no início do curso, porque eu acho que eu vou dá uma opção pro aluno vê a história econômica de outra forma desde o início do curso né e to pensando ainda em fornecer uma outra pra finalizar o curso mesmo de história econômica, assim, uma outra pra aluno do final do curso, entendeu? Sexto, sétimo período que eu peguei, pegaria mais na história do capitalismo, da globalização especificamente, porque o meu tema tá muito vinculado com essa parte de globalização, com a formação do mercado exterior, como isso atingiu a formação do capitalismo no Brasil né o café é só um instrumento, não é não é o café em si, né. Nós temos gente aqui que ainda é contra o café, o cara é contra o café, é contra o tema. Você imagina o físico sendo contra o elétron?(risos)

Eduardo: Complicado!

Anderson: É nesse nível.

[01:14:46 - 01:17:34] Eduardo: Bom Anderson, agora pegando um pouco dessas questões mais internas, subjetivas assim não sei, mas eu queria que você me falasse assim qual o papel da ciência pra sociedade, acho que você já acabou falando um pouco disso, mas e junto com isso qual é o dever do professor na sociedade?

Anderson: É vou tentar fazer uma síntese, porque eu acho que toda, tudo que eu falei foi direcionado um pouco nesse sentido né.

Eduardo: foi disso né (trecho inaudível)

Anderson: O papel da ciência na sociedade é assim, é vou nem falar da parte das ciências exatas e biológicas que, óbvio né! Mas no caso das ciências humanas eu acho essencial porque cidadania se constrói com consciência e consciência se constrói com conhecimento né e conhecimento se faz com pesquisa. Então eu nem, nem nem articulo articulo com a formação do professor pra ele formar cidadãos, mas a ciência humana ela tá ai pra esclarecer a população através do professores, dos mecanismos de ensino e na

origem pelas pesquisas realizada conhecer melhor a nossa sociedade economicamente, socialmente, politicamente a sua evolução e as melhores formas de aprimorar o seu desenvolvimento e minorar o quanto possível a, ainda lamentavelmente ainda presentes e grandes diferenças sociais. Eu acho que no fundo esse é o papel de todos os cientista social, em especial aquele que teve o privilégio de sentar numa cadeira dessa de graça e ter a formação que têm aqui dentro, entendeu? Eu acho que isso, ele deve isso a sociedade né, eu tenho isso muito claro na minha cabeça, entendeu? Muito claro. Então sem conhecimento a evolução política ela fica comprometida e se a gente tiver o conhecimento a cidadania ela fica mais solida e se a gente transmitir, agora não nada você pegar isso fazer uma coisa há que socialmente talvez não tenha, isso, outra questão a ser discutida, que socialmente uma temática, que socialmente não tenha o impacto né tão importante e... guardar, ah defendeu uma tese, e então aí agora você vai construir, em vez de voltar o aluno em função do que eles fazem, é acham que a universidade é construir carreira, pra mim vai um pouco além disso no sentido social e político do termo.

[01:17:34] Eduardo: é agora uma outra questão é que este projeto surgiu pouco em decorrência do 50 anos da Universidade e eu queria que você dentro na sua análise de ter sido estudante, de ter passado a professor da Universidade e percebendo essa essa estrutura da educação que tem se formado né como é que você é pensa Universidade daqui a 50 anos?

Anderson: O Queit tinha uma frase que ele dizia que a longo prazo estaríamos todos mortos não é verdade, eu espero, nem vou dizer como está, quem sou eu pra dizer como está. Eu espero que esteja bem melhor do que agora, porque estes problemas que nós estamos enfrentando agora, eu muito sérios né, é eu acho que eu não devo ficar aponto deles serem resolvidos né e acho que se houver a vitória do campo contrário a universidade ela vai se isolar no pior sentido com relação a comunidade que é com a questão da formação do conhecimento e da formação da cidadania. E aí quem vai perder é a sociedade brasileira, porque lamentavelmente o conjunto dos cursos de história vocês sabem disso, eles tem a tendência que está havendo aqui. Então você já está pegando professor de história dentro de universidade que pega um livro didático que fala que dá aula é só repetir as coisas supostamente marxisoides que estão dentro do livro, ó o estrago que um sujeito desse faz dentro da formação do aluno. Eu preferia que gente como essa não pensasse a universidade assim, e eles é que estão no poder. Então é talvez, talvez resolva né, mas o problema tá lá na cápsula CNPQ, porque são os mesmo

que ocupam né. Então isso teria que mudar e eu acho também que os departamentos eles têm é eles são muito liberados, isso, politicamente é controverso eu sei disso. Mas o que, que aconteceu no nosso, eu acho que os departamentos eles não deviam ter essa autonomia tamanha que eles têm, que modificações como essas que foram elas feitas deveriam passar por algum outro órgão na universidade que fizesse uma avaliação um pouco mais séria, no que diz respeito as quatro horas meu amigo, a universidade ela foi simplesmente inconsequente, porque o curso de economia não adotou não, me parece que vários cursos do ICE também não adotaram, foi mais aqui, não sei letras adotou?

Eduardo: Eu acho que o o porque o (trecho inaudível) de lá.

Anderson: No no departamento de lá, na faculdade de letras, pois é, porque eles não são burros, aqui que nós temos esse alto clero de província, que essa que é verdade porque eles são provincianos e atuam desse jeito, entendeu? E alto clero pra mim é a mesma coisa que a elite que a gente ta combatendo aí na rua, acaba atuando do mesmo jeito, elite é elite meu amigo. Quando eles começam a tomar decisões em função dos seus próprios interesses, como é evidentemente o caso aí já tem que combater como elite né é. E eu vou nas reuniões assim né, eu vou mesmo pra criar um pouquinho de confusão mesmo, solucionar os que posso né e contribuir no que posso, mas aquilo que eu sou contra eu falo lá, mas eu tenho deixado de ir porque não resolve só da briga e já to cansando, bem cansado, principalmente quando você não é ouvido, não tem dialogo, não tem. Aí você tem que começar a trabalhar sozinho, mas tem que ficar muito claro aqui também, assim, que eu não sou uma pessoa fácil. Eu sou uma pessoa com o temperamento extremamente complicado mesmo né, todo mundo diz isso. Eu acho que eles estão errados (risos) entendeu? Mas todo mundo fala, entendeu? e pra mim eles estão errado, mas alguma razão eles devem ter, entendeu? Então eu também tenho minha culpa assim, mas acho que talvez se eu fosse menos menos estourado com um temperamento mais fácil, se eu fosse menos convicto né, e nesse sentido mais modesto né, não tão crente na minha, nas minhas é nas minhas próprias convicções é talvez a história teria sido outra. Mas de o que eu fiz naquele momento, não havia outra saída não pra mim ia ser uma coisa que ia me marcar eu ia ficar do mesmo jeito que eu to agora e com o coração doido por ter, não ter tomado uma atitude que eu teria que ter tomado naquela hora, que foi uma atitude que eu tomei em varias regiões, em varias reuniões, e falei tão abertamente que eu me sinto a vontade de falar tudo que eu falei pra eles dentro de sala de aula né, aqui não seria propriamente, as pessoas podem confundir com uma atitude antiética, mas todo crítica que eu faço eu falo, não pensem que é que é

falta de ética minha não, porque o que eu to falando aqui eu falo lá se for necessário. Alias eu já falei né, eles sabem muito bem o que eu penso.

Eduardo: O Anderson é eu não sei se você quer fazer mais alguma observação, a gente queria te agradecer mesmo pela entrevista.

Anderson: Ao contrário eu quero agradecer a vocês e eu acho que espaços como esses que vocês, esse que vocês estão abrindo é que vão permitir talvez a 50 anos a universidade não seja, não esteja com os problemas que estão hoje e me preocupa muito, muito, a forma que os CAs tem organizados, porque agora a gente está com um CA razoável digamos assim. Mas eu tenho muito receio de voltar a acontecer o que aconteceu, porque é grave, porque é porque você acaba corrompendo o aluno logo no início entendeu? Você acaba ensinando uma postura acadêmica que pode levar a vitória, mas não é correta, definitivamente. Então por isso que eu acho grave, então você vai pega o moleque ele ta formando, ta entrando na universidade, já começa a perceber que aqui o jeitinho você tem que se aproximar de fulano, porque fulano sempre consegue bolsa, vai passar mais fácil no mestrado, cicrano já não, entendeu? E só consegue bolsa porque se você for contrário a determinadas posições você vai perde alguns privilégio, o orientador já não vai querer te orientar e esse tipo de coisa não pode acontecer com o aluno não meu amigo. Porque senão a gente só vai reproduzir o mau-caratismo, a falta de ética, o puxa-saquismo, o que há de pior numa profissão, e é isso que eles estão é reproduzindo, é como eles fazem isso, eles corrompem os alunos.

Eduardo: E tem pro início do ano perspectiva de ampliação mesmo financeira da universidade e tal é mais fácil corromper né?

Anderson: Exatamente eles têm mais oferta né, eles têm mais oferta. Eu vou procurar do meu lado né, já que o negocio é bolsa, vou tentar arrumar bolsa de tudo quanto é jeito, entendeu? E assim, acho que é trabalhos como de vocês que vão permitir que pessoas não pensam iguais como eles né, tenham sua expressão e isso ajuda muito, por exemplo, o meu trabalho que eu quero fazer.

Eduardo: E a gente fica feliz também de fazer esse projeto porque ele surge com né tipo assim, comemoração dos 50 anos da universidade, mas isso não quer dizer que a universidade só tenha grandes feitos né.

Anderson: Exatamente, pelo contrário, pelo contrário.

Eduardo: (trecho inaudível) e os assunto que você está proporcionando são muito ricos né (inaudível) não sei quando alguém quiser pesquisar, saber o que passou e entender (inaudível).

Anderson: Exatamente, eu queria, eu queria...

Eduardo: (inaudível) que as pessoas vejam

Anderson: Me incomodava muito desse processo, desse projeto andar sem a minha, sem a minha entrevista, eu queria deixar claro a minha posição, porque alguém no futuro vocês sabem disso né vai olhar essa documentação vai resolver estudar e vai saber que tinha um cara aqui que pensava diferente.

Eduardo: Que tem uma voz dissonante

Anderson: Em?

Eduardo: Que tem uma voz dissonante.

Anderson: Tem uma voz dissonante, assim, como eu acho que o Galba deveria pensar nisso. Porque o Galba foi outro, extremamente prejudicado, porque discordou dos caras. E eles massacram mesmo quem discorda, massacram mesmo. E o Galba meu amigo o que eu vi ele passando com essa gente, agora ele vai aposentar aí todo mundo fazer festinha de despedida, entendeu? Porque é bem assim, é na frente todo mundo se trata bem e por trás todo mundo desce o pau. Eu não consigo conviver com gente assim, eu não faço amigos em ambientes assim né, talvez um dos poucos amigos que eu tenha seja o meu gato né. (risos).

Eduardo: O Anderson, agora...

Anderson: É isso?

Eduardo: É, é isso.

